

O saber fazer do povo Kalunga na conservação da biodiversidade do Cerrado em Goiás (Brasil)

Muryel Moraes Arantes,
da Universidade Federal de Goiás
muryel.arantes@gmail.com

Maria Geralda de Almeida,
da Universidade Federal de Goiás
mgdealmeida@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem o fito de apresentar os principais saberes tradicionais evidenciados no cotidiano daqueles que habitam o Sítio Histórico Cultural Kalunga, nas comunidades de Diadema e Ribeirão, localizadas no município de Teresina de Goiás. A hipótese é de que os saberes tradicionais dos Kalunga sejam fatores de conservação da biodiversidade do Cerrado goiano. O conceito de biodiversidade apresentado neste trabalho considera, além dos fatores biológicos, a dimensão cultural do Cerrado por meio do uso que se faz dos recursos naturais e a vivência das pessoas no meio. Na busca de identificar os saberes tradicionais e compreender como podem fazer parte da biodiversidade e, ao mesmo tempo, contribuir para a conservação, utilizou-se método de história oral, por meio da percepção dos de dentro, e os conceitos de territorialidade. Durante a pesquisa constatou-se que o saber fazer do povo Kalunga, mesmo que ameaçado, é parte do ciclo ecológico que equilibra fatores biológicos, culturais, econômicos e sociais.

Palavras-chave: Saberes Tradicionais, Biodiversidade, Identidade, território, Kalunga.

INTRODUÇÃO

O Cerrado pode ser visto sob várias perspectivas, dentre elas as que adquiriram maior visibilidade são: a biológica que o define como bioma, a economicista que o concebe como fronteira agrícola, e a política que o entende como território em disputa. Em todas as análises possíveis de se fazer sobre o Cerrado estão presentes os símbolos culturais, mesmo quando negligenciados pela perspectiva de alguns estudos.

Nesta pesquisa busca-se o conhecimento da biodiversidade do Cerrado para além das perspectivas supracitadas, considerando também a

cultura e os saberes tradicionais na concepção de biodiversidade, e assim desenvolver a compreensão da dimensão cultural do Cerrado.

Dentro deste contexto, o objetivo é identificar na biodiversidade do Cerrado o saber fazer da população local, que pode ser fator de conservação. Os guardiões dos saberes tradicionais aqui relatados são descendentes de ex-escravos alforriados e/ou sujeitos alheios ao sistema escravista, que vivem atualmente em comunidade quilombola, o povo Kalunga.

Em Goiás a maior parte do povo quilombola vive no norte e nordeste goiano (Figura 01) onde estão os Kalunga habitantes de quatro agrupamentos principais, a saber: Ribeirão dos Bois, Vão de Almas, Vão do Moleque e Engenho II, todos situados no Sítio Histórico Cultural Kalunga que abrange parte da zona rural dos municípios de Teresina de Goiás, Cavalcanti e Monte Alegre¹. A pesquisa consistiu em quatro momentos: levantamento bibliográfico; visitas de campo; registros fotográficos, escritos e análise dos dados.

Do ponto de vista teórico, se destaca para a análise feita o recurso da categoria geográfica “território”, cujo entendimento considera o processo de territorialização do povo Kalunga, que hoje já tem proporções políticas, mas que se deu pela identidade e apropriação do espaço. A relevância da referida categoria se torna evidente nos estudos realizados no âmbito da pós-graduação em Geografia e Sociologia, nos quais as discussões sobre território aparecem constantemente, de forma central ou secundária.

A história do povo Kalunga está intrinsecamente ligada à terra e à formação de um território, por esse motivo torna-se necessário inserir as análises territoriais nos estudos acerca dos quilombolas Kalunga. Para além da questão histórica tem-se a relevância do território num contexto político, como reitera Marinho (2008, p.23) “[...] o território deve ser tomado como a dimensão estratégica para se pensar a incorporação de populações etnicamente diferenciadas neste contexto”.

Na busca do entendimento acerca da relação do povo Kalunga com o Cerrado, mediados pelo saber fazer do cotidiano, durante a pesquisa procurou-se respostas para questionamentos como: quais são os saberes locais? Como se dá a relação com o Cerrado? Como podem os Kalunga serem fatores de conservação e preservação da biodiversidade?

Desse modo, pretende-se discutir o saber fazer do povo Kalunga a partir das territorialidades, ou seja, da relação das pessoas com o meio, o Cerrado.

1. Estes agrupamentos são apresentados e descritos no trabalho de Marinho (2008)

Inicialmente esta relação se dá por meio do uso das plantas do Cerrado, que fazem parte do cotidiano tanto para alimentação quanto para o uso medicinal. Com isso, evidenciaram-se outros aspectos da vida dos Kalunga nas terras cerradeiras, como o artesanato, o imaginário, e as tradições familiares.

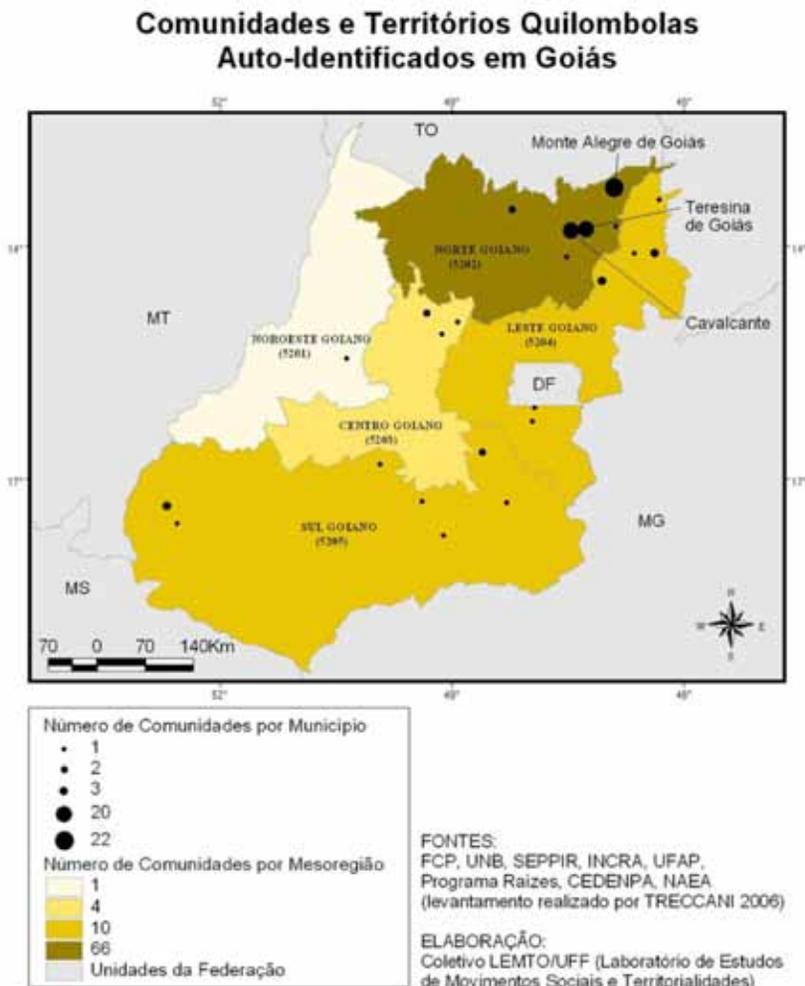


Figura 01 - Concentração de quilombolas em Goiás Fonte: Coletivo LEMTO/UFF. 2006.

O presente artigo se apresenta de acordo com a seguinte estrutura: metodologia, descrição e problematização do Sítio Histórico Kalunga, apresentação das comunidades de Diadema e Ribeirão e, por fim, a discussão

dos resultados obtidos. Pretende-se com esta estrutura elucidar, inicialmente, sobre o modo com o qual se realizou a pesquisa e, após isto, iniciar a discussão por meio da apresentação do Sítio Histórico Kalunga, de uma forma mais abrangente, e, para finalizar, focar nas comunidades em questão.

METODOLOGIA

Para atingir o objetivo deste trabalho adotou-se a história oral como método de pesquisa que, de acordo com Freitas (2006), é relacionado ao imaginário e à análise das representações sociais. Ainda de acordo com a referida autora, existem três variações de história oral: tradição oral, história de vida e história temática. Neste trabalho optou-se pela denominada história de vida, pois é a que considera a percepção do indivíduo sobre ele mesmo no contexto em que está inserido, o que propicia um entendimento dos fenômenos pelos olhos dos de dentro.

Por ter esta característica, este método possibilita a ênfase na prioridade da pesquisa que é compreender como os Kalunga se veem em seu próprio território, e como se dá a relação deles com o meio. Assim, utilizou-se do procedimento técnico das entrevistas na busca do entendimento desta relação entre comunidade e natureza pelo olhar dos próprios Kalunga.

A técnica de entrevistas permite angariar elementos da biodiversidade por meio dos usos e das relações culturais dos povos com a biodiversidade. Esta relação existente entre os povos e a biodiversidade do Cerrado se torna importante, pois a ciência pode ser utilizada paralelamente aos saberes tradicionais, o que já foi constatado por Rigonato e Almeida (2003).

Durante as entrevistas buscou-se extrair da fala das pessoas elementos que elucidem sobre como os Kalunga de Diadema e Ribeirão se relacionam como o Cerrado, e assim buscar a compreensão de como as práticas cotidianas destes povos tradicionais influenciam na conservação da biodiversidade do Cerrado. As conversas foram direcionadas à história de vida das pessoas, de modo a facilitar a fluidez dos assuntos de interesse da pesquisa. Ao falar de sua vida, o Kalunga fala do Cerrado e nesta fala não se distingue claramente o que separa a diversidade biológica da cultural, este é o motivo pelo qual se focaliza também na história de vida das pessoas das comunidades Kalunga em tela.

Para viabilizar esta metodologia foram realizados: trabalhos de campo com realização de entrevistas, registros fílmicos e fotográficos, além

das pesquisas teóricas. Durante as entrevistas priorizaram-se os mais velhos devido às experiências de vida, contudo foram considerados também os relatos dos mais jovens para compreender as transformações dos saberes.

As entrevistas foram úteis para levantar questões sobre: tradições familiares, conhecimento da fauna e flora endêmica, preparo de alimentos, experiências em comunidade, artesanato e religiosidade. As perguntas sobre estes assuntos estimularam a memória dos participantes e evidenciaram suas histórias de vida, o que torna possível a análise sobre como se dá a relação das pessoas com o meio.

Vale ressaltar que durante as visitas de campo, priorizou-se a vivência com as pessoas da comunidade para além do momento das entrevistas. A experiência com o cotidiano dos Kalunga de Diadema e Ribeirão permitiu conhecer parte da realidade dos quilombolas e os problemas socioeconômicos são constantes e ameaçadores da cultura tradicional Kalunga.

Outras formas de contato foram possibilitadas por meio de oficinas realizadas no âmbito do projeto "Quintais Ecológicos"². As oficinas foram realizadas como intuito de valorizar e incentivar o modo de vida dentro das comunidades por meio de culinária com frutos do Cerrado, confecção de postais com paisagens cerradeiras da região, plantio de mudas, turismo, economia solidária, riscos da biopirataria, memória e identidade. Destaca-se a importância da memória no entendimento da história de vida. A memória tem grande importância no processo de identificação dos povos tradicionais, e tem sido considerada, nas ciências sociais, como possibilidade metodológica. Pode-se atribuir a importância da memória como ferramenta metodológica devido ao seu caráter coletivo. Como afirma Araujo (2003) com base em Rousso (1996), toda memória é coletiva, são registros dos fatos que ocorrem em sociedade, e tais registros podem ser de passados longínquos ou de fatos recentes.

Todos os aspectos mencionados durante as entrevistas nos remetem a memória daqueles que vivenciam no espaço, os processos históricos. Na fala de D.C., por exemplo, pode-se notar a lembrança de atos violentos que ocorreram durante a revolução de 30, segundo ela a "*revolta*" foi uma época em que vários familiares sofreram com os conflitos.

2. Projeto: Troca de saberes no Cerrado: ecologia, valorização dos quintais, segurança alimentar e cidadania nas comunidades Kalunga em Teresina de Goiás. Edital PROEXT 2010. Nº05. Universidade Federal de Goiás.

Considerou-se D. C. como informante chave, por sua experiência de vida nas comunidades kalunga, por sua atuação como parteira, o que atribui-lhe um tipo de liderança pelo saber que detém, e também por sua disponibilidade em participar várias vezes das entrevistas. Em todas as visitas de campo fomos à sua casa, por isso a entrevista realizada com ela foi a mais extensa e completa.

Além de D. C. foram entrevistadas aproximadamente 15 famílias em um total de 5 visitas de campo³, mas com a informante chave ocorreu uma continuidade das entrevistas. É importante enfatizar que nesta pesquisa adotou-se um método qualitativo, não se considerou a possibilidade de abarcar a maioria dos moradores de Diadema e Ribeirão, mas sim compreender as práticas culturais e a relação com o Cerrado por meio da investigação da memória. Este foi o exercício.

SÍTIO HISTÓRICO CULTURAL KALUNGA

O sítio histórico Kalunga foi instituído em Goiás pela lei 11.409 em janeiro de 1991, e o estado tem 31 comunidades quilombolas (JESUS, 2007). A institucionalização do sítio histórico justificou-se pela formação territorial de um povo cuja cultura se forma a partir do espaço habitado, e que se torna distinto devido aos processos históricos relacionados à escravidão no Brasil e à relação de pertencimento dos habitantes. Conforme reitera Almeida,

O território Kalunga é antes de tudo, uma convivialidade, uma espécie de relação social, política e simbólica que liga o homem a sua terra e, ao mesmo tempo, constrói sua identidade cultural. Também é modo como criam uma identidade e “enraizam-se” no território. (ALMEIDA, 2010a, p. 43)

O processo de institucionalização do Sítio Histórico Cultural Kalunga se iniciou pela forte relação de identidade dos Kalunga com o lugar, o que lhes atribui uma propriedade da terra diferenciada. Ser Kalunga é nascer no território kalunga, assim define o Sr. A. da comunidade Engenho II quando questionado sobre o que é ser kalunga “*Kalunga é quem nasce nessa terra aqui...*”

Além da riqueza cultural, o território Kalunga apresenta paisagens de beleza cênica do Cerrado goiano, pois está localizado no norte e nordeste de Goiás onde o Cerrado é mais preservado, já que a agricultura e a urbanização

3. As visitas de campo foram realizadas nos meses março, maio, julho, agosto e novembro de 2011.

não se desenvolveram na mesma proporção que no centro-sul do estado⁴. Neste aspecto pode-se enfatizar o convívio dos povos tradicionais não só para a preservação do bioma, mas para uma apropriação do espaço que garanta equilíbrio ecológico, pois eles controlam o turismo em algumas destas regiões.

Este território como “espaço geográfico singular” (ALMEIDA, 2010 a, p. 37), apresenta diversas fitofisionomias do cerrado, a saber: cerradão, cerrado *strito sensu*, cerrado rupestre, campo limpo e veredas. Essa vegetação aliada a uma topografia (Figura 02) composta por serras e morros de beleza monumental, compõe uma paisagem apreciada por excursionistas e pesquisadores. A paisagem do Sítio Histórico Kalunga é apropriada pelo turismo, mais especificamente pelo ecoturismo, que se tornou mais desenvolvido no Engenho II em Cavalcante-GO. (Figura 03)



Figura 02 - Topografia em Diadema. Fonte: ARANTES, M.M. 2011

4. Sobre a cobertura vegetal do Cerrado em Goiás, que mostra no norte e nordeste goiano mais preservado, ver FERREIRA, G.L et al. Dinâmica agrícola e desmatamentos em áreas de Cerrado: uma análise a partir de dados censitários e imagens de resolução moderada. In: Revista Brasileira de Cartografia, pp. 117-127, 2009.



Figura 03 - Cachoeira Santa Bárbara, Calvalcanti Goiás.

Fonte: ARANTES, M.M. 2011

O turismo já se tornou, para algumas comunidades como o Engenho Il, um meio de sobrevivência e projeção social. Nas comunidades de Diadema e Ribeirão, em Teresina de Goiás, essa prática do ecoturismo não é desenvolvida. No entanto, identificou-se, por meio da vivência nestas comunidades que o turismo cultural, aquele focado no modo de vida, pode ser uma opção para a inserção destas comunidades na prática do turismo.

Este tipo de turismo é caracterizado principalmente pela apreciação de um modo de vida diferente. As práticas do cotidiano na comunidade, como cozinhar, trabalhar, festejar, rezar, etc., são distintas por serem diretamente relacionadas ao Cerrado, o que pode ser apreciado por exemplo na degustação de um bolo de jatobá, fruto abundante na região, ou mesmo na participação de um festejo religioso. Este convívio pode trazer lucros financeiros para os Kalunga e conseqüentemente uma valorização de sua cultura e do que há na própria comunidade.

No Vão do Moleque que fica a 140 km de Cavalcante-GO existe uma presença representativa de pesquisadores e turistas, principalmente durante festejos religiosos, em busca de vivenciar e tornar público este modo de vida Kalunga. O mesmo acontece no Vão de Almas que fica mais próximo

a Teresina de Goiás. A cultura Kalunga tem sido alvo do interesse tanto do governo, quanto de pesquisadores e turistas interessados em conhecer culturas diferentes.

O Sítio Histórico também é constituído de fazendas cujos donos não são Kalungas, o que gera conflitos em função da posse de terras⁵. A relação empregado-patrão existe entre fazendeiros e povos Kalunga há várias gerações, antes mesmo da institucionalização do território, e pode ser considerada como tal até os dias atuais. Como diz Dona C. 80 anos, moradora da comunidade Diadema, em uma demonstração de submissão à condição de expropriada da terra: *"aqui onde nós mora ainda é do patrão, seu Jorge, mais ele é bão, sim"*.

Em síntese, o que se percebe é um território de extrema riqueza cultural e biológica em constante sintonia, paisagens de belezas cênicas apropriadas pelo turismo e por fazendeiros, além da intervenção forte do estado por meio de políticas públicas de regularização da terra e de assistência social e de moradia.

Diante deste cenário tornou-se evidente que na interface entre sociedade e natureza tem-se as questões políticas, culturais e econômicas; tais como territorialidade, apropriação do espaço, biodiversidade e políticas públicas específicas para os Kalunga de Goiás. E tais questões, aqui descritas e diretamente relacionadas, justificam o olhar geográfico sobre os Kalunga de Goiás e sobre o Sítio Histórico Kalunga, um território deste povo.

AS COMUNIDADES DE DIADEMA E RIBEIRÃO

As comunidades de Diadema e Ribeirão estão localizadas a aproximadamente 40 km de Teresina de Goiás, na zona rural do município, com acesso pela rodovia GO 118 em direção à Monte Alegre de Goiás. As duas comunidades têm aproximadamente 130 famílias, de acordo com informações obtidas com agente de saúde atuante nas duas comunidades.

Na busca de dados oficiais junto a Fundação Palmares, IBGE, INCRA e FUNASA, não foram encontradas informações concretas sobre a quantidade de pessoas residentes nas comunidades.

5. TARREGA, M.C.V.B; FRANCO, R.D. Regularização de terras quilombolas: uma análise a partir da teoria da interpretação constitucional. In: I Encontro de pesquisadores de quilombolas Kalunga. IESA/ UFG. 2011.

A população de Diadema e Ribeirão é predominantemente originária do Vão de Almas. De acordo com relatos, os homens vieram trabalhar em uma fazenda da região e trouxeram as famílias, conforme reitera D. C. *"... meu avô e nós tudo, nascido e criado no Vão de Almas..."*

As comunidades possuem escola com o ensino fundamental até o nono ano, creche, e uma igreja evangélica. As missas são rezadas na escola, em ocasiões comemorativas, batismos e casamentos; nestas ocasiões o padre se desloca de Teresina ou de Cavalcante para atender aos católicos. Os moradores se declaram de família católica, e, portanto católicos desde o nascimento, mas com a presença das igrejas evangélicas, muitos começam a freqüentar essas igrejas ou acompanham os cultos pela televisão.

Os recursos hídricos das comunidades contam com dois rios, o Ribeirão, de onde retiram água com bombas elétricas, e o Paranã. Existe também um poço artesiano que a prefeitura instalou em Ribeirão e que abastece algumas famílias. Algumas famílias ainda buscam água nos rios com baldes. A água é de extrema importância para a prática do saber fazer do povo Kalunga, sobretudo no que tange ao plantio, pois o cultivo de plantas demanda disponibilidade de água para a manutenção tanto das hortas quanto de roçados.

A dificuldade em ter acesso à água é um empecilho para o cultivo da terra, mas ainda há os que mantêm a atividade de plantio. Estes que possuem roçados não comercializam seus produtos, eles mantêm o hábito de trocar produtos com vizinhos e parentes, além do consumo próprio. Várias famílias recebem aposentadoria e bolsa família, e por meio desta renda compram mantimentos e remédios em Teresina ou cidades próximas. Algumas casas têm telefone celular rural e a grande maioria tem televisão com antena parabólica.

IDENTIDADE E TERRITÓRIO

Ao conhecer parte da história de vida dos Kalunga, identifica-se a relação com os recursos naturais do Cerrado, porque termos referentes ao solo, aos rios e às plantas são recorrentes nas falas dos moradores das comunidades. Devido à relação de proximidade dos hábitos culturais com a natureza é que se torna interessante adotar o conceito de biodiversidade o qual trabalha Almeida (2003), nele a autora considera a dimensão cultural da biodiversidade e se opõe à concepção de Cerrado apenas como bioma.

O discurso sobre a biodiversidade situa-se nas formas pós-modernas do capital com (re)significações das florestas tropicais, suas populações tradicionais e seus conhecimentos da natureza. As espécies, os homens e as máquinas participam na formação da biodiversidade como discurso histórico, aspecto que Escobar (1999) destaca como mais um exemplo de produção mútua entre as sociedades e as tecnociências. O aparato para a produção de biodiversidade inclui uma gama de atores distintos desde as empresas internacionais, universidades e corporações, Ong's do hemisfério norte, instituições oficiais até os institutos para a biodiversidade do Terceiro Mundo, planejadores e biólogos do Terceiro Mundo, ambientalistas locais, cada um com o próprio marco interpretativo sobre o que é a biodiversidade. Sem dúvida é uma invenção discursiva recente, uma resposta a uma situação concreta de uma crescente destruição da natureza. Esta seria uma resposta "a perda da diversidade ecológica" assim colocando em risco a sobrevivência. Ela é, sem dúvida, o suporte para um discurso que articula uma nova relação entre natureza e sociedade em contextos globais da ciência, das culturas e economia. (ALMEIDA, 2003, p.71)

Com os elementos angariados para o entendimento dos conceitos utilizados neste estudo, se faz necessária a análise geográfica que se apresenta por meio da ideia de territorialização que, de acordo com Haesbaert (2005) está relacionada à apropriação do território. Sobre a relação entre território e identidade considera-se o estudo Marinho (2008) e, finalmente, busca-se compreender a biodiversidade e os sujeitos do Cerrado com base no trabalho de Almeida (2010a).

A territorialização é entendida como apropriação do espaço. Conforme Haesbaert (2005) o processo de territorialização está diretamente relacionado à apropriação, ou uso que se faz de determinado espaço, conferindo assim aspectos subjetivos e culturais. Para buscar o entendimento desta subjetividade observou-se na fala dos entrevistados indícios da experiência cotidiana do uso que se faz da terra e como os Kalunga se apropriam da terra, e o que isso representa pra eles.

A dimensão do território tanto pode extrapolar delimitações institucionalizadas do espaço como pode dar origem a novas delimitações, como ocorreu na institucionalização do território Kalunga em Goiás. O Sítio Histórico Kalunga, atualmente institucionalizado pela lei 11.409 de janeiro de 1991, só existe legalmente graças à identidade das comunidades que atribuíram um significado à terra por meio de suas histórias de vida.

Há um processo de territorialização diferenciado nas comunidades de Diadema e Ribeirão, onde não há delimitação de terras ou cercas demarcando propriedades. À terra foi atribuído um valor subjetivo ligado à família e à coletividade dos moradores e é assim que há a possibilidade de se demarcar um território dentro da comunidade.

Esse modo de se delimitar o espaço é próprio dos Kalunga e com a criação do Sítio Histórico Cultural Kalunga, entende-se que o Estado e a comunidade reconhecem esse modo de territorialização. As relações de poder inseridas no processo de territorialização podem influenciar a apropriação e a identidade das pessoas. No caso do território Kalunga em Goiás, Marinho (2008) afirma que,

A relação entre identidade e territorialidade ganha uma ênfase diferenciada a partir do reconhecimento constitucional, consolidada, de vez, pela criação de uma secretaria com funções de ministério, específica para a demanda racial, que é a SEPPIR (Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial). A partir do reconhecimento e visibilidade que a comunidade adquiriu, diversas políticas foram implementadas nessas comunidades e passaram a interferir na organização social, e consequentemente na dinâmica cultural e identitária dessas comunidades. (pag. 14.)

Essa influência institucionalizada e capitalista que difere do modo de vida dos quilombolas muda a relação do Kalunga com seu espaço vivido, com o Cerrado e com os seus. As influências vindas de fora da comunidade já estão postas, e sendo assim, entende-se que essa relação deve ser benéfica aos atores envolvidos e ao ambiente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em princípio vale ressaltar que a definição de comunidade quilombola, concebida nesse estudo, está para além das dimensões espaciais, quantidade populacional ou de artefatos históricos. O sentido de comunidade tem significados materiais e simbólicos,

É uma comunidade e, como tal, passa a ser uma unidade viva, um lócus de produção material e simbólica. Institui-se como um sistema político, econômico, de parentesco e religioso que margeia ou pode ser alternativo à sociedade abrangente." (ALMEIDA, 2003, p. 119).

Nas comunidades de Diadema e Ribeirão foram visitadas 10 residências (fig.04) de forma planejada, além das demais casas que extrapolaram o planejamento do trabalho de campo, mas que possibilitou conversas com os moradores. As casas são construídas, em geral, de forma dispersa, distantes umas das outras. Foi possível visitar também a comunidade de Ema, onde se localiza o memorial da Tia Lió e a fabricação de rapadura.

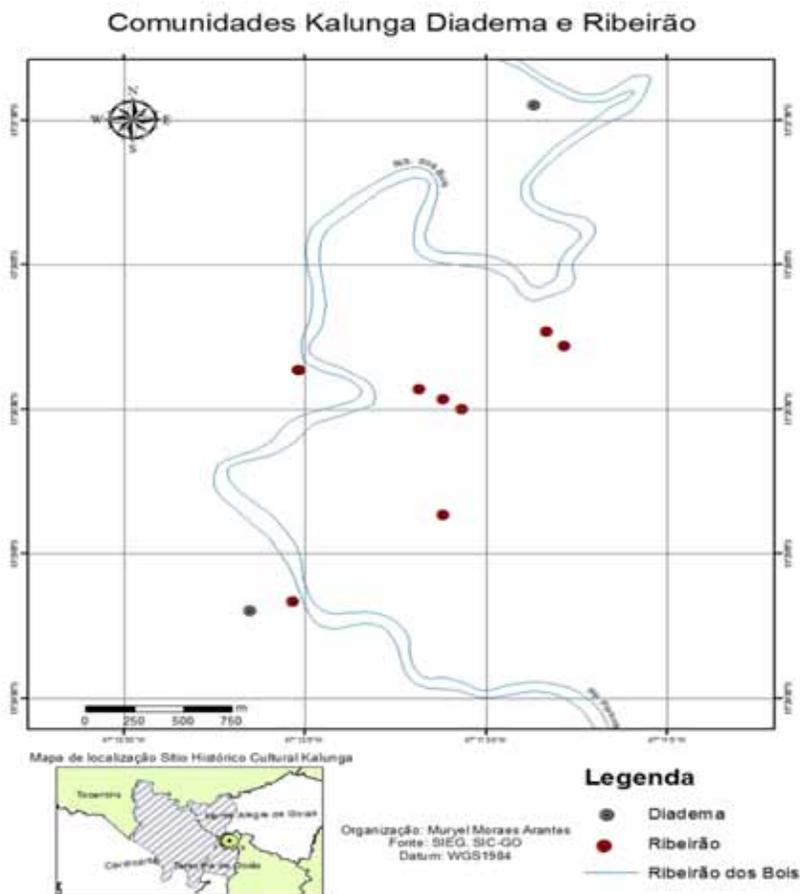


Figura 04 – Mapa de localização das casas visitadas nas comunidades de Diadema e Ribeirão.

O objetivo das entrevistas foi buscar a compreensão dos saberes tradicionais que envolvem o Cerrado por meio da memória dos Kalunga. As

principais questões levantadas remetem à memória sobre o saber-fazer no cotidiano, e isso inclui técnicas de construção de casas, plantio, produção de remédios e preparo de alimentos.

No quintal de D.C. ainda encontra-se uma variedade considerável de plantas medicinais, embora ela mesma afirme que não há condições de plantar devido à falta de água e condições de solo. *“Como que plantar? Plantava lá onde eu morava, mas aqui não tem como plantar; tem que carregar a água na cabeça, e pedra é demais! Aí, agora de janeiro pra cá, que eu rangei um fi de Deus que me deu essa bombinha que eu tô puxando a água. Mas também não dianta: um lugar onde cê não planta nada, só a pura pedra! Se ocê plantar o gurgulho tá assim, pra que serve o gurgulho? Pra nada!”*

Mesmo com as dificuldades relatadas por D. C. os Kalunga da região ainda cultivam algumas plantas. Algumas são plantadas em seus quintais, outras encontradas no Cerrado. As ervas são utilizadas para resolver problemas de saúde mais simples, ou amenizar sintomas, conforme detalhado no quadro 01.

Quadro. 01 Relação das plantas mais recorrentes em Diadema e Ribeirão

Nome Popular	Nome Científico	Utilização
Capim cheiro	<i>Cymbopogon citratus</i>	Digestivo e Calmante
Menta	<i>Mentha s.p</i>	Digestivo e para garganta
Mutamba	<i>Guazuma Ulmifolia</i>	Queda de cabelo
Sucupira Preta	<i>Bowdichia Virgilioides</i>	Depurativa
Manjerição	<i>Ocimum basilicum</i>	Cólica e Febre
Sambaíba	<i>Davilla latifolia</i>	Artesanato
Alfavaca	<i>Ocimum basilicum</i>	Diurética
Algodão	<i>Cochlospermum Regium</i>	Bactericida e Hemostática
Mandioca	<i>Manihot esculenta Crantz</i>	Alimento
Milho	<i>Zea mays L.</i>	Alimento
Banana	<i>Musa spp.</i>	Alimento
Flores ornamentais	*****	Ornamentação
Hortaliças	*****	Tempero alimentos
Babosa	<i>Aloe arborescens</i>	Remédio para o sistema digestivo
Erva cidreira	<i>Melissa officinalis</i>	Calmante e digestivo

Plantas catalogadas com o auxílio de D.C e sua Irmã D.C.

Fonte: ARANTES, M.M. Visitas de campo realizadas em março, maio, julho, agosto e novembro de 2011

Nota-se que a vivência em áreas de Cerrado proporciona aos que lá vivem a possibilidade de extrair da terra recursos para manter a saúde e/ou amenizar males. Ainda assim, as populações das comunidades utilizam os remédios comercializados, eles acreditam que a utilização dos dois métodos pode ser mais eficiente. Com isso pode-se reafirmar que a influência do modo de vida externo à comunidade existe, e, portanto há que se pensar em como equilibrar estes hábitos culturais com o avanço da ciência, de um modo geral, das artes e de todos os avanços da sociedade moderna.

Para tal equilíbrio considera-se imprescindível conhecer a cultura tradicional por meio do olhar dos de dentro, daqueles que realmente são os guardiões dos saberes tradicionais que estão relacionados à vida, à memória e ao cotidiano dos Kalunga. As danças, músicas, religiosidades, culinária, e principalmente o modo de se relacionar em comunidade e com a terra, são fatores que representam a ligação do povo Kalunga com o meio em que vivem.

Tais elementos nos remetem à territorialidade desse povo, e tal territorialidade no contexto contemporâneo, no qual a preocupação com a preservação do ambiente está evidente, se torna importante. A relevância de uma relação positiva entre as perspectivas econômicas, a preservação da cultura tradicional e a conservação do Cerrado perpassa pela territorialidade.

O cotidiano Kalunga representa um tempo diferente do tempo do capital, embora seja influenciado pelos meios de comunicação, e pela dinâmica econômica capitalista, que atualmente já se instalou no campo.

A partir do modo de vida próprio do campo, as famílias visitadas apresentaram as técnicas aqui reconhecidas como saberes tradicionais. As principais técnicas mencionadas foram as utilizadas no preparo do roçado, da farinha, construção de casas de palha e preparo de remédios.

Os roçados em Diadema e Ribeirão têm em média 50m² e todos os procedimentos para o cultivo ou pastagem são feitos com utensílios manuais como machado, foice e enxada. A técnica utilizada consiste em retirar as plantas maiores com o machado, e com a enxada as menores, depois se faz a queimada controlada para então plantar. A plantação de milho e cana predomina nos roçados, enquanto que nos quintais se encontram algumas hortaliças.

A alimentação é essencialmente composta por arroz, feijão, carne e macarrão e o preparo dos alimentos é feito com óleo, sal e alho. O que evidencia que não há relação entre o que se planta e o que se come nas

comunidades de Diadema e Ribeirão, mesmo no preparo dos alimentos utiliza-se produtos comercializados na cidade.

Os Kalunga, inicialmente, não utilizavam muito óleo de soja, como no caso do arroz canja que é feito cozido em água, sem fritar no óleo. Mas houve relatos de que quando se tem visita, fazem o arroz passado, da maneira convencional, frito no óleo de soja. Desse modo há um aumento na quantidade de óleo ingerida.

Uma técnica bem conhecida nas comunidades é a do preparo da farinha, que consiste em ralar a mandioca para obter a massa que peneirada pode ir ao forno para torrar e o que resta pode ser aproveitado com biju. Neste processo utilizam mandioca e água como ingredientes. Mas as comunidades estudadas não praticam muito essa técnica do preparo da farinha, pois as pessoas estão mais interessadas em arrumar emprego ou conseguir bolsas do governo para comprar seus mantimentos no supermercado.

Sobre a fabricação manual com materiais do Cerrado, os artesanatos não são muito mencionados, mas as construções das casas são bem próprias da comunidade (fig.05). Utilizam basicamente palha de buriti, madeira, tijolos de barro e pregos.



Fig.05 Casa de Palha na Comunidade Ribeirão.

Fonte: ARANTES, M.M. 2010

Mesmo tendo construções de casas de alvenaria doadas pelo governo, as casas de palha ainda são mantidas, algumas ainda para morar e outras apenas pelo valor simbólico, já que foram criados neste tipo de casa e não querem se desfazer delas. D.C diz que *"O governo construiu aquela ali e eu com muita dó de minha casinha, que nós foi criado nela, paguei o menino pra colocar ela aqui..."*

Além do valor cultural simbólico, o custo de construção desse tipo de casa é mínimo, o único item essencial comprado na cidade é o prego ou no caso das que são construídas atualmente, pode-se perceber o uso de cimento que também representa um custo extra. Essas práticas relatadas fazem parte da biodiversidade do Cerrado, pois foram saberes obtidos de gerações passadas e inculcidos de simbolismos relacionados ao modo de viver no Cerrado.

No que diz respeito à paisagem cultural, destaca-se a trilha que leva ao Funil⁶. Esta rota era utilizada para transportar mantimentos da cidade para o Vão de Almas, ou até mesmo pessoas doentes em busca de cuidados médicos. Atualmente só é utilizada para o lazer e pesca dos que moram mais próximos.

Os resultados obtidos por meio das conversas e entrevistas revelaram que os valores atribuídos aos saberes tradicionais estão se perdendo diante das necessidades do cotidiano. De dez entrevistados, somente um demonstrou conhecimento e relatou seus saberes de forma valorativa. A maioria não admite esse valor, nas palavras da senhora T. *"Se tivesse de tê valor nós não tava nessa situação e nossos fio indo embora"*. Constatou-se, então, uma influência do modo de vida moderno, que faz com que eles considerem a qualidade da vida que levam como ruim. É recorrente relacionar a idéia de influência da modernidade à melhoria da qualidade de vida, mas no caso dos Kalunga essa influência não significa uma melhoria.

Essa influência do mundo moderno dentro dos quilombos há muito foi negada, a ideia de isolamento sempre esteve, equivocadamente, relacionada ao quilombo conforme reitera Paula (2003),

A visão do quilombo, enquanto uma instituição de resistência, onde em alguns casos o isolamento representava uma das estratégias de sobrevivência, parece ter se mantido no decorrer da história, visto que na atualidade, raramente é possível encontrar artigos de jornal ou revista e até mesmo,

6. Os kalunga denominaram Funil uma parte mais estreita do rio Paranã, onde a vazão do rio é mais intensa. Neste lugar pessoas de outras comunidades ou, até mesmo, de Teresina, costumam acampar para prática da pesca.

trabalhos de natureza acadêmica que tratam a respeito de agrupamentos negros rurais, que não relacionem o elemento isolamento a estes grupos. (Pág. 47)

Apesar dessa idéia de isolamento, existem evidências da mobilidade desses povos, como as migrações entre as comunidades e as relações de trabalho estabelecidas com pequenos centros urbanos. O grande desafio, conforme já foi dito, é buscar formas com as quais as relações já existentes com o mundo alheio à comunidade sejam economicamente viáveis, ecologicamente sustentáveis e culturalmente respeitadas.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Há a possibilidade dos estudos realizados nas comunidades tradicionais representarem um importante diálogo entre os quilombolas Kalunga e a sociedade não quilombola. O entendimento dessas interações deve interessar aos Kalunga não pelo motivo de saber quem são, mas sim de saber como o mundo capitalista os enxerga, e também a biodiversidade do Cerrado na qual está contido os saberes tradicionais destes povos.

Como mencionado anteriormente os saberes tradicionais já são componentes da biodiversidade do Cerrado e partindo desta premissa reiterada por Almeida(2003) entende-se que a conservação do saber fazer já significa conservação de parte da biodiversidade. Contudo nesta primeira etapa da pesquisa não foram diagnosticados os impactos das práticas cotidianas sobre a fauna, flora e recursos hídricos do Cerrado, isto seria interessante para uma continuação da pesquisa.

A partir da vivência com as pessoas das comunidades tornou-se evidente que a perda das práticas tradicionais se dá diante dos problemas financeiros, e da constante evasão dos jovens. O cenário atual evidencia uma população composta predominantemente por idosos e crianças, o que dificulta a lida com a terra e até mesmo os afazeres domésticos.

Outro entrave para a conservação do saber-fazer do povo Kalunga se refere ao cultivo da terra. Conforme reitera D.C., o manejo da terra é difícil devido à qualidade do solo "*mais hoje em dia eu num guento não... mexê com esse chão que é pura pedra, minina*". Diferente das terras do Vão de Almas, que é bastante fértil de acordo com os relatos de D.C.

Há muitos fatores históricos e contemporâneos a serem entendidos para a devida leitura da atual realidade das comunidades de Diadema e

Ribeirão. Além disso, tornou-se evidente durante a pesquisa a possibilidade de um maior aprofundamento das questões ambientais, dos impactos sobre a fitofisionomia, hidrografia e topografia do Cerrado. Ora, a perda gradativa dos saberes tradicionais já é considerado um impacto sobre a biodiversidade, que corresponde ao aspecto cultural, e o impacto pode se estender às formas físicas do Cerrado.

LE SAVOIR-FAIRE DU PEUPLE KALUNGA EN MATIÈRE DE CONSERVATION DE LA BIODIVERSITÉ DU CERRADO (GOIÁS-BRÉSIL)

Résumé: Cet article a pour objet de présenter les principaux savoirs traditionnels repérés dans le quotidien des habitants du site historique culturel Kalunga, dans les communautés Diadema et Ribeirão situées sur le municpe de Teresina de Goiás. Nous formulons l'hypothèse que les savoirs traditionnels Kalunga seraient des facteurs conservacionnistes de la biodiversité du Cerrado. Le concept de biodiversité évoqué dans ces travaux prend en compte, outre des facteurs biologiques, la dimension culturelle du Cerrado dans l'usage des ressources naturelles et dans le mode de vie des personnes de ce milieu. Afin d'identifier les savoirs traditionnels et de comprendre dans quelle mesure ils peuvent, à la fois, faire partie de la biodiversité et contribuer à sa conservation, nous avons eu recours à l'histoire orale – avec le recueil de la perception des Kalunga eux-mêmes – et aux concepts de territorialité. Pendant cette enquête, nous avons constaté que le savoir-faire du peuple Kalunga, bien qu'il soit menacé, fait partie du cycle écologique qui combine des facteurs biologiques, culturels, économiques et sociaux.

Mots clés: savoirs traditionnels, biodiversité, identité, territoire

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. G. Cultura ecológica e biodiversidade. *Mercator - Revista de Geografia da UFC*, Fortaleza, ano 2, n. 3, jun./jul. 2003. p.71-82. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewArticle/166>> Acesso em: 20 mar. 2010.
- _____. Territórios De Quilombolas: pelos vãos e serras dos Kalunga de Goiás - patrimônio e biodiversidade de sujeitos do Cerrado. In: *Ateliê Geográfico*, Goiânia, v. 4, n. 10, p. 36-63, abr/2010. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/issue/view/792>> Acesso em: 20 ago. 2010.(a)
- _____. Dilemas territoriais e identitários em sítios patrimonializados: os Kalunga de Goiás. In: *Cerrados Perspectivas e Olhares*. PELÁ, M.C.H; CASTILHO, D. Goiânia. Ed.Vieira.2010.(b)
- BECKER,H.S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. ed. Hucitec. São Paulo – SP. 1994.
- HAESBAERT, R. *Da desterritorialização à multiterritorialidade*. In: Anais do X encontro de Geógrafos da América Latina. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2005.

JESUS, M. R. *Migração quilombola: território e identidade – estudo preliminar de migrantes kalungas no distrito federal*. Dissertação de mestrado (mestrado em gestão ambiental e territorial) – Departamento de Geografia do instituto de ciências humanas da Universidade de Brasília. UnB.2007.

MARINHO, Thais Alves. *Identidade e territorialidade entre os Kalunga do Vão do Moleque*. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia – UFG. 2008. 208 p.

PAULA, M.V. *Kalunga: o mito do isolamento diante da mobilidade espacial*. 2003. Dissertação de mestrado (mestrado em Geografia) – Programa de pesquisa e pós-graduação em Geografia – UFG.2003.

RIGONATO, V.D.;ALMEIDA,M.G. *A singularidade do Cerrado: a interrelação das populações tradicionais com as fitofisionomias*. In: VII EREGEO. 2003.

SOBRE AS AUTORAS

MURYEL MORAES ARANTES. Graduada em Geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás. Estagiária na Agência Municipal do Meio Ambiente de Goiânia, com atuação em análise de licenciamento ambiental. Participou do programa de iniciação científica-CNPq (PIBIC) vinculado ao Laboratório de Estudos e Pesquisas da Dinâmicas Territoriais-LABOTER onde também atuou como pesquisadora voluntária.

MARIA GERALDA DE ALMEIDA. Doutora em Geografia pela Université de Bordeaux III, pós doutorado em Geografia Humana pela Universidad de Barcelona, em Geografia Cultural pela Université Laval, Universita Degli Studi Di Genova e Universite de Paris IV Paris-Sorbonne. Atualmente é professora colaboradora da Universidade Federal de Sergipe, e professora titular da Universidade Federal de Goiás. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: manifestações culturais, turismo, territorialidade, sertão.

Recebido para avaliação em 02 de Agosto de 2012

Aceito para publicação em 15 de Novembro de 2012